

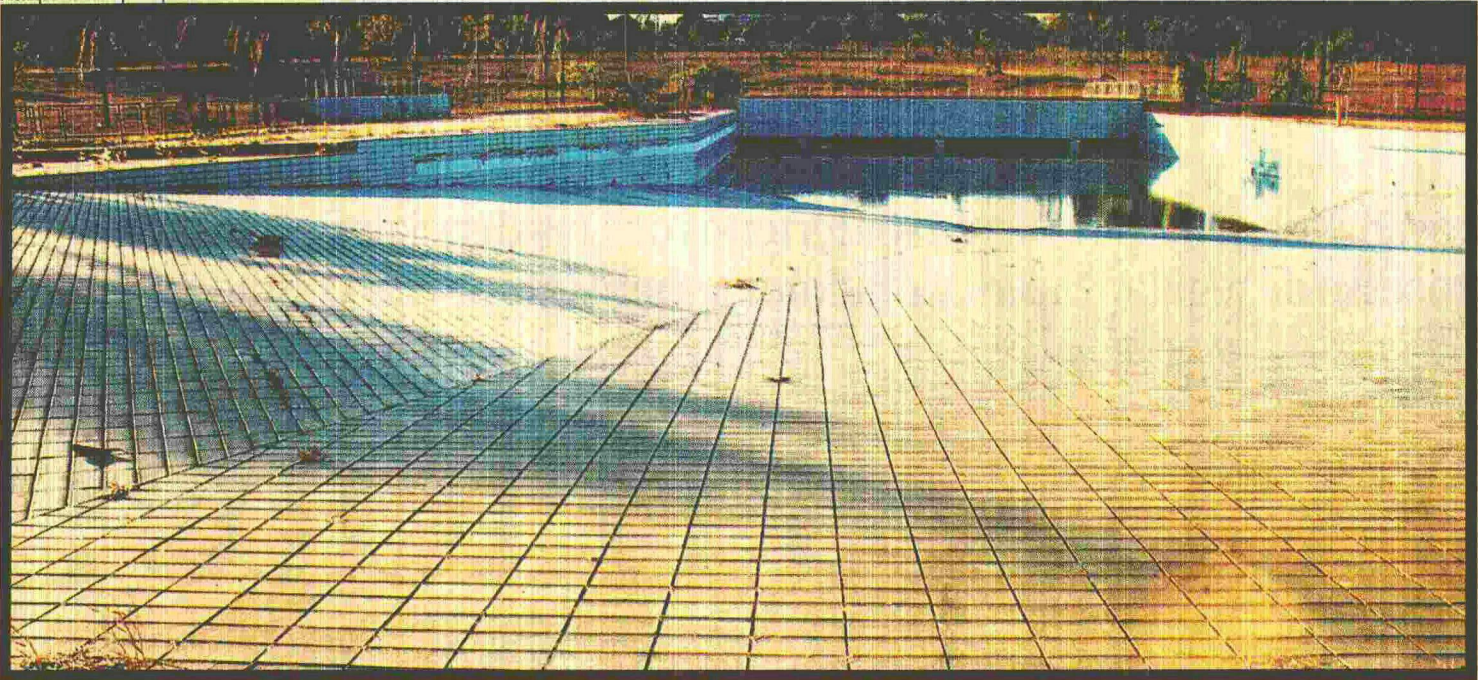
DF - Brasília

CIDADES

ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Piscina de ondas, vestiários e bicicletários serão explorados pela iniciativa privada. Previsão é de que editais de licitação sejam divulgados na semana que vem. Está prevista também a reforma dos brinquedos

Monique Renne/Especial para o CB



A PISCINA DE ONDAS ESTÁ FECHADA DESDE 1997: ATRAÇÃO QUE CHEGAVA A REUNIR DEZ MIL PESSOAS NOS FINAIS DE SEMANA SE ENCONTRA ABANDONADA

Parque terceirizado

HELENA MADER
DA EQUIPE DO CORREIO

Ponto de lazer preferido pelos brasilienses, o Parque da Cidade Sarah Kubitschek vai ganhar cara nova até o ano que vem. Áreas abandonadas como a piscina de ondas serão revitalizadas e reabertas ao público. Na semana que vem, a Secretaria de Administração de Parques e Unidades de Conservação (Comparques) promete lançar edital de licitação para a escolha de empresas interessadas em explorar comercialmente o local. O governo vai terceirizar pontos como vestiários e bicicletários para reduzir os gastos com a manutenção do parque, que chegam a R\$ 1 milhão por mês.

Criado há quase 30 anos, o Parque da Cidade é o maior espaço de área verde da América do Sul. Os usuários do local têm à disposição 350 hectares e dezenas de opções de lazer. Mas quem circula pelas pistas de corrida ou pelos gramados do parque também reclama do abandono e do péssimo estado de conservação

de pontos como o Parque Ana Lúcia, que recebe diariamente centenas de crianças, muitas delas da rede pública de ensino. A área será reformada e os brinquedos serão pintados e revitalizados. Ao contrário dos outros editais, a licitação para reparos no Ana Lúcia não prevê a terceirização dos serviços e o acesso às dependências do parque continuará gratuito.

A piscina de ondas, fechada desde 1997, em nada lembra o ponto turístico que atraía dez mil pessoas nos finais de semana. Os banheiros quebrados são o retrato do abandono. A água está cheia de lodo e o mato tomou conta da área. Com a baixíssima umidade do ar, a população sente falta de um local de lazer para se refrescar. “Eu vinha sempre aqui quando era criança. A piscina de ondas era a praia de Brasília”, lembra a funcionária pública Carla Freitas, de 28 anos.

A reforma da área deve custar cerca de R\$ 3 milhões e, de acordo com a Comparques, já existem empresários interessados em explorar comercialmente a piscina. A obra de recuperação do local prevê a reinstalação dos

sistemas hidráulico, mecânico e elétrico, dos banheiros, duchas e áreas de lazer. Ainda não se sabe se o local continuará como piscina de ondas ou se será transformado em um parque aquático.

Os pedalinhos que decoravam o lago do Parque da Cidade e atraíam crianças também estarão de volta no ano que vem. O governo quer terceirizar o serviço para aumentar o público no local. O pesque-pague também deve ser reativado. O prazo para a exploração comercial dos empreendimentos ainda não foi definido, mas vai variar de acordo com o custo e a dimensão de cada um dos projetos. Todos os detalhes sobre a concorrência estarão nos editais de licitação.

De acordo com o secretário da Comparques, Ênio Dutra, o objetivo da terceirização é tornar o Parque da Cidade auto-sustentável. Ele explica que o governo criou um fundo que reunirá recursos para a melhoria de todos os parques de Brasília. “Até o final do ano as empresas já estarão definidas e, a partir daí, as obras sairão do papel. Todas essas melhorias vão deixar o par-

que ainda mais bonito”, comemora o secretário Ênio Dutra.

Transparência

O vice-presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), Luís Antônio Reis, afirmou que a entidade acompanhará as reformas dos serviços do parque para que o patrimônio não sofra alterações. Para ele, a transparência do processo deve começar pelo lançamento dos editais de licitação. “As instituições envolvidas nas obras têm de respeitar a parte física do local, um dos mais bem protegidos de Brasília”, explicou.

Luiz Antônio acredita que, se as intervenções não agredirem o tombamento do lugar, as futuras modificações contribuirão para torná-lo ainda mais atrativo. “As reformas são bem-vindas desde que não haja agressões”, resumiu. O superintendente regional do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), Alfredo Gastal, informou, por meio da assessoria de imprensa, que as obras não afetarão o patrimônio do ponto turístico.

COLABOROU GUILHERME GOULART

Mudanças de nome

O Parque da Cidade Sarah Kubitschek tem projeto urbanístico de Lúcio Costa e o paisagismo é assinado por Burle Marx. A área de lazer foi inaugurada em 1978 com o nome de Parque Rogério Pithon Farias, em homenagem ao filho do então governador Elmo Serejo, que morreu em um acidente de carro. Em 1992, a área verde passou a ser chamada de Parque da Cidade, por decisão da Câmara Legislativa. Há sete anos, o local ganhou o nome da esposa do ex-presidente Juscelino Kubitschek. “A revitalização do parque é uma demanda dos usuários. A reforma da piscina de ondas e do parque Ana Lúcia vai atrair ainda mais frequentadores, principalmente crianças”, comenta o administrador do Parque da Cidade, Cristiano de Sá.

A licitação dos quiosques já ocupados na área do parque – ponto mais polêmico do projeto de revitalização – não será feita agora. “Somos a favor da reforma dos vestiários, bicicletários e da piscina de ondas para modernizar a área. Mas os permissionários que já estão nos quiosques devem continuar, sem necessidade de licitação. Só deveriam sair os comerciantes que não prestam um bom serviço”, defende Almir Vieira, presidente da Associação dos Arrendatários do Parque da Cidade. (HM)

POVO FALA //

VOCÊ É A FAVOR DA TERCEIRIZAÇÃO DE SERVIÇOS NO PARQUE DA CIDADE?



Fotos: Paulo de Araújo/CB

DIEGO ARMANDO,

21 anos, militar

Sim. Alguns pontos realmente precisam de reformas. O parque está jogado, parece que o governo não consegue tomar conta como deveria. Se os serviços vierem a ser cobrados, que não venha a ser nada exorbitante. O parque deve continuar popular, como é hoje.



NICOLAS AUGUSTUS DE MELO,

24 anos, garçom

Eu não sou muito, não. Se tiver a terceirização, o público terá de pagar pelos serviços. Daqui a algum tempo, as pessoas terão que pagar para entrar no parque. Já se cobra para tomar banho, daqui a alguns anos terá de se pagar para pedalar ou caminhar.



ELLEN DEJANNI Q. SILVA,

30 anos, auxiliar administrativa

Eu sou contra. O Parque da Cidade é público. Não deveria ser feita cobrança nenhuma. As reformas, porém, são necessárias. Tem muita coisa abandonada. Eu acredito que o governo poderia bancá-las e manter do jeito que está.



MICHELLE BRITO,

22 anos, estudante de Publicidade

Eu sou a favor, mas depende dos valores que serão cobrados. Muitas vezes, fica caro. Não há problema em cobrar, caso se melhore a qualidade da estrutura. Depende mesmo do valor, pois pode impossibilitar algumas pessoas de frequentarem o local.



GABRIELA BERLIN,

22 anos, estudante de Publicidade

Eu sou a favor. Mas por ser um parque público, acho que o valor não pode ser alto para que as pessoas continuem a ter acesso aos banheiros, por exemplo. Hoje, a qualidade está muito ruim.

Algumas áreas estão abandonadas. Até os bebedouros a gente fica meio desconfiado em usar.



ENIGNO DE JESUS SILVA,

24 anos, garí

Eu sou contra. O governo tem que fazer a reforma e não cobrar nada dos frequentadores. Algumas áreas estão sujas e abandonadas, principalmente o antigo pesque-pague. Tem muita gente que vem aqui e não tem dinheiro para pagar. O parque é de todo mundo.

ANÁLISE DA NOTÍCIA

O espaço é de todos

SAMANTA SALLUM
DA EQUIPE DO CORREIO

O Parque da Cidade deve ser considerado um espaço sagrado. É lá que o brasiliense encontra momentos de lazer e relaxamento. Atende a todos os gostos e, pelo menos por enquanto, a todas as classes sociais. Abriga a família, adultos e crianças, casais e solteiros. Todos encontram lá algo de bom. O parque merece ser mais bem cuidado. É um dever do governo garantir isso aos brasilienses. E a terceirização não pode ser um fator excludente. O espaço é público e nos já pagamos impostos e taxas suficientes para que a manutenção dessa área seja arcada pelos cofres públicos.

A terceirização nem

sempre é sinônimo de melhoria dos serviços. E não pode ser usada como artifício do governo para se eximir de sua responsabilidade e fazer economia ao repassar para o bolso do usuário o custo do lazer. O Parque da Cidade está na concepção urbanística da cidade. Foi idealizado como um lugar democrático, para livre acesso de todos.

O Parque da Cidade é o monumento verde da capital, assinado por Lúcio Costa e Burle Marx. Queremos, sim, de volta a piscina de ondas, o pesque-pague e ainda é possível criar novas atrações no local. Pode ficar ainda mais bonito. Parece que custa caro, R\$ 1 milhão por mês de manutenção, mas não é comparado com os benefícios à qualidade de vida da população.